



O ESPAÇO MEDIÁTICO COMO TEATRO DE OPERAÇÕES

J. A. Loureiro dos Santos



INSTITUTO
DE ESTUDOS
ACADÉMICOS
PARA SENIORES
**Adriano
Moreira**

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

O ESPAÇO MEDIÁTICO COMO TEATRO DE OPERAÇÕES

AUTOR

JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CONCEPÇÃO GRÁFICA

JOÃO MÉNDEZ FERNANDES
SUSANA MARQUES

ISBN

978-972-623-113-4

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA
INSTITUTO DE ESTUDOS ACADÉMICOS PARA SENIORES – ADRIANO MOREIRA

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos Para Seniores – Adriano Moreira

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2012.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

O ESPAÇO MEDIÁTICO COMO TEATRO DE OPERAÇÕES

JOSÉ ALBERTO LOUREIRO DOS SANTOS

1. Este seminário foi programado como resultado de uma comunicação efectuada à classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, em 16 de Junho de 2011, sobre o tema “Conflitos na era da informação/as revoltas árabes”. Na sua sequência, entendeu-se que os aspectos focados nessa comunicação mereceriam vir a ser debatidos, desenvolvidos e porventura mais esclarecidos em dois seminários a realizar posteriormente. Um primeiro, denominado "Ciberespaço: Espaço Virtual, Mediático e Global", foi concretizado nesta Academia das Ciências na tarde do dia 25 de Janeiro de 2012; o segundo, com o título “Informação e conflito”, foi marcado para hoje.

Como um dos responsáveis e organizador deste encontro, cumpre-me agradecer: em primeiro lugar ao Senhor Professor Adriano Moreira, Presidente da Academia das Ciências e da sua classe de Letras, por nos ter dignificado com a sua presença e, principalmente, com as suas palavras.

Depois a todos quantos responderam positivamente ao nosso convite para nele intervirem: o Dr. Luís Amado, como moderador do debate, que nos deu a honra de retirar algum tempo aos seus muitos afazeres para estar presente.

O General Carlos Branco, que se deslocou de propósito do seu actual posto de Director da Divisão de Cooperação e Segurança Regional do Estado-Maior Internacional da OTAN, em Bruxelas, para nos falar dos seus especiais conhecimentos sobre a utilização dos média num conflito armado.

O Dr. Nicolau Santos de quem estamos habituados a ler, ver e ouvir o que pensa sobre as estratégias de acção dos actores económicos, para nos esclarecer nessa área, hoje em dia absolutamente crucial.

Não esquecendo o confrade José Carlos de Vasconcelos que inaugurará as suas actividades como ilustre sócio correspondente desta Academia, que proferirá as palavras de encerramento.

A todos, muito obrigado.

2. Tradicionalmente, um Teatro de Operações (TO) é um espaço geográfico delimitado onde, no âmbito de uma guerra, se desenvolvem operações militares cujo desfecho terá efeitos estratégicos na sua evolução, ou seja implicará uma alteração significativa na relação de forças entre os contendores do conflito.

Desde a mais remota antiguidade, nas várias civilizações conhecidas, a História tem-nos mostrado guerras que ocorrem em TO terrestres e/ou em TO marítimos. Depois de surgirem meios aéreos de combate, apareceram os teatros de operações aéreos, que se alargaram ao espaço exterior com a evolução dos meios técnicos que permitiram percorrê-lo, abriram oportunidade á sua utilização e lhe conferiram a qualidade de campo de disputa dos principais actores internacionais, ganhando a característica de ser um dos principais atributos definidores da hierarquia das potências.

Com a corrida ao espaço exterior e a sua ocupação por diversos dispositivos tecnológicos de grande importância estratégica, foi posto em causa pela primeira vez o conceito de teatro de operações espacialmente delimitado como uma parte específica da totalidade do planeta Terra. Pela primeira vez, deixou de ser exequível o estabelecimento de limites que dividissem esse conjunto global em parcelas menores, outros tantos teatros de operações. Passou a existir em redor da Terra um único teatro de operações, o TO do espaço exterior.

O mesmo se deu com o espaço virtual que surgiu como resultado do desenvolvimento científico e tecnológico promovido pelo ser humano – o ciberespaço. Tal como o teatro de operações espacial, o ciberespaço não é susceptível de ser dividido; tem uma dimensão global.

3. O progresso dos meios de comunicação, primeiro com a imprensa escrita, mais tarde pelo aparecimento das transmissões rádio e das emissões da televisão, finalmente com a invenção do ciberespaço, foi aumentando a importância do seu emprego como um instrumento operacional susceptível de produzir efeitos de crescente peso estratégico na evolução de qualquer conflito,

armado ou desarmado. E deixou de ser visto e utilizado como mero elemento de ligação entre componentes (individuais ou colectivos) de um mesmo esforço estratégico, para passar a dar forma a um campo onde a estratégia se desenvolve, porventura ao aspecto central da própria acção estratégica decisiva.

O uso da panóplia de meios de comunicação à disposição dos actores que se confrontam permite que cada um esconda a realidade que verdadeiramente constitui, dissimulando-a para enganar os adversários. Numa permanente tarefa de actor que deseja mostrar aos outros aquilo que tem vontade que eles julguem que é; na verdade, aquilo que lhe convém que os outros confabulem sobre a sua realidade. O que exige táticas de comunicação capazes de promover a dissimulação.

Estes meios de comunicação têm a capacidade de induzir elementos de engodo susceptíveis de fazer chegar sinais aos receptores que os levem a perceber o cenário que mais interessa ao emissor que por eles seja considerado nos respectivos jogos estratégicos. Só assim o fraco terá possibilidade de passar por forte, levando o outro a agir nesse pressuposto, o que, para Sun Tzu, constitui um dos elementos comprovativos da prática da suprema arte de fazer a guerra, com os actores que a praticam a atingir a mais elevada sabedoria no campo da estratégia, pois terão condições para conseguir derrotar o inimigo sem necessidade de o combater.

A utilização do ciberespaço como plataforma de obtenção e de difusão de dados, reforçando as possibilidades dos processos técnicos de transmissão de sons e imagens já existentes praticamente em tempo real, abriu a oportunidade de fazer circular a informação por todo o planeta e em permanência, potenciando assim a existência de um espaço mediático como teatro de operações de natureza e alcance global, portanto sem quaisquer muros ou fronteiras que o retalhem. Esta nova realidade veio dar oportunidades crescentes à aplicação dos princípios da guerra ensinados por Sun Tzu: forjando manobras de engano e de surpresa; gerando factos virtuais indutores de respostas vazias de objectivo e de resultados; difundindo percepções capazes de conduzir os adversários para becos sem saída ou de produzir efeitos que se voltem contra si próprios; e criando mesmo no ciberespaço os actores necessários que, embora virtuais pois não correspondem a entidades material e realmente existentes, têm condições para convencer o inimigo da existência de uma realidade que o poderá esmagar, obrigando-o, desta maneira, a enfrentá-lo e a desgastar-se, ou a render-se.

4. Este novo quadro de acção de âmbito global, aliado às características intrínsecas ao processo de comunicação pelas quais é possível transmitir aos outros uma sinalética que os levem a perceber, não a realidade existente de facto, mas a “realidade” que nos interessa que eles pensem que existe, este novo quadro está a produzir efeitos absolutamente revolucionários na conduta dos conflitos, nomeadamente da guerra, em comparação com aquilo que se passava antes do aparecimento do espaço mediático como teatro de operações global.

No passado, eram as operações militares em curso num determinado teatro de operações geograficamente confinado que ditavam o resultado dos combates – vencedor e vencido nesse teatro em termos do seu impacto na relação geral das forças entre os actores em confronto.

Actualmente, aquilo que terá mais peso para configurar o resultado que realmente conta dos combates travados num determinado teatro de operações, por mais sangrentos e destruidores que eles sejam, não são os mortos, as conquistas e as destruições ocorridas, ou seja a situação no terreno que constitui o teatro. O resultado que contará basear-se-á nas percepções que os diversos actores formarem sobre a situação, estejam eles onde estiverem – no teatro ou fora dele.

5. Mas a revolução a que estamos a assistir não consiste apenas nisto. O mesmo fenómeno (existência de um teatro de operações mediático global) colocou-nos perante outra transformação que está a alterar radicalmente o pensamento e a acção estratégica em qualquer conflito. Trata-se do papel das pessoas e do que elas percebem sobre os sucessivos lances que têm lugar num qualquer teatro de operações geográfico, já que são as suas opiniões sobre os sucessivos acontecimentos que influenciam os procedimentos dos responsáveis políticos nacionais. Isto faz com que as opiniões públicas se estejam a transformar nos mais importantes actores da cena internacional no que respeita à condução e ao resultado dos conflitos, mesmo dos conflitos armados.

Esta constatação coloca-nos perante uma situação paradoxal que, por sua vez, está a conduzir a outro paradoxo: o que realmente interessa é conseguir a adesão das populações à causa que defendemos, tanto do ponto de vista racional como do ponto de vista dos sentimentos e das emoções. O que transforma as populações no objectivo que interessa “conquistar”, além da sua qualidade de actor determinante a que a importância vital da gestão das percepções alcançou.

Isto é particularmente visível nos conflitos mais prováveis da actualidade e do futuro visível – insurreição e contrainsurreição.

O tenente-coronel francês David Galula – talvez o mais importante pensador sobre o conflito a que mais frequentemente o fraco recorre contra o forte -, que o General Petraeus considera o Clausewitz da contrainsurreição, chama a atenção para aquilo que interessa em qualquer combate, por mais feroz que seja. Não é o terreno conquistado ou perdido nem as baixas ocorridas; é o seu impacto no que a população pensa, em termos de adesão à insurreição ou à contrainsurreição.

A ofensiva de Tet, durante a contra-insurreição do Vietname, foi uma derrota militar para os vietnamitas, porquanto a superioridade norte-americana em material face ao dos insurgentes era verdadeiramente esmagadora, mas ele visava a opinião pública dos EUA, o que foi conseguido com êxito: os americanos viraram-se contra a guerra e o Presidente determinou as negociações para a retirada. Dien Bien Phu, embora tivesse sido uma vitória táctica da insurreição, não teria os efeitos estratégicos que foram alcançados se não tivessem afectado o moral dos franceses.

A recente cadeia de ataques coordenados no Afeganistão, em Cabul, contra o Parlamento afegão e várias embaixadas, e em três outras regiões do país, mais do que uma vitória militar, que não foi já que todas as acções foram detidas basicamente pelas forças afegãs lealistas com reduzido apoio das forças da ISAF, tiveram por objectivo desequilibrar a opinião pública dos EUA em época de campanha para as eleições presidenciais.

Não falando nas fugas, controladas ou não controladas, de acontecimentos fastos para algumas das partes e nefastos para outras. Como, no âmbito do conflito afegão, foram o caso da divulgação da queima de exemplares do Corão e de fotografias de militares norte-americanos em pose ao lado de cadáveres de talibãs.

6. Mas esta situação não é exclusiva dos conflitos, nomeadamente dos conflitos armados entre estados ou dentro dos estados. Faz parte dos acontecimentos que afectam a vida de todos os dias: basta vermos os reflexos dos discursos dos dirigentes políticos europeus no sobe e desce, mais desce do que sobe, dos ratings na União Europeia; a variação dos preços do petróleo em função das notícias que são injectadas nas plataformas por onde circula a informação, assim como o aumento ou a descida dos juros das dívidas soberanas. Isto apenas para citar factos do nosso quotidiano actual.

O emprego da força militar, como Clausewitz teorizou, é a continuação da política através de processos violentos. Ele serve a política, fazendo com que os seus objectivos sejam alcançados ou derrotados. Neste contexto, antes da era da informação, os confrontos no terreno visavam a destruição do inimigo e a conquista de território.

Nos nossos dias, a presença obsessiva da informação através do espaço mediático, que se transformou num novo teatro de operações de natureza global, faz com que a luta pelas percepções tenha substituído a luta por território, do que resulta uma nova realidade: qualquer que seja a localização dos teatros de operações, todos os combates neles travados devem ter por finalidade principal o desequilíbrio das opiniões públicas a nosso favor, ou seja, disputar a conquista das mentes e dos corações das pessoas que têm capacidade de influenciar os decisores políticos. O que atinge a sua maior expressão na conduta das estratégias de insurreição e de contrainsurreição, mas se alarga a todo o tipo de conflito: do político ao económico e militar.

Daqui resulta que todo o acontecimento que não faz parte da agenda informativa dos meios de comunicação social não existe verdadeiramente em termos estratégicos. Esta ausência gera um vazio informativo que corresponde a um vazio de realidade, já que a realidade só existe nas opiniões públicas nacionais ou mundiais através da sua percepção através dos média. Muitas vezes, mesmo aqueles que observaram os acontecimentos, depois de os observarem alteram a percepção que eles

lhes criaram, como resultado do modo como foram observados e são transmitidos pelas plataformas por onde circula a informação. Como se a intermediação mediática por si só fosse capaz de multiplicar os elementos que configuram um acontecimento, de o burilar e aperfeiçoar, emprestando-lhe assim mais probabilidades de ser verdadeiro. Como se, sem essa intermediação, fosse muito mais difícil ou mesmo impossível conhecê-lo em todas as suas dimensões, e só com ela fôssemos capazes de ter acesso directo à realidade que, na sua presença, não tínhamos conseguido vislumbrar.

Para concluir, podemos afirmar que nunca a palavra foi uma arma tão poderosa como agora, nesta época que podemos designar por “era da informação”. Nunca o discurso teve reflexos estratégicos de tão largo alcance como hoje, nem uma imagem valeu tantas palavras e produziu tantos efeitos nas relações de poder entre pessoas, grupos e estados, isto é no posicionamento recíproco dos diversos actores, sejam eles individuais, nacionais ou internacionais.